

PINHEIRO, B. R. A. O desenvolvimento e a capacidade de viajar em meio à tempestade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO, 11, 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: OBSTUR/UFPR: UNIVERSIDADE POSITIVO, 2009. 1 CD-ROM.

O DESENVOLVIMENTO E A CAPACIDADE DE VIAJAR EM MEIO À TEMPESTADE

Esp. BRUNA RAQUEL ALVES PINHEIRO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – brunaraquele@gmail.com

RESUMO

O estudo intitulado “O desenvolvimento e a capacidade de viajar em meio à tempestade” possui como foco descrever de maneira funcionalista a prosperidade do turismo no atual clima de crise econômica mundial, agravado pela epidemia de gripe influenza A. Neste sentido, abordou diversos conceitos sobre desenvolvimento para fundamentar a investigação. Posteriormente, realiza um estudo baseado em fatores socioeconômicos que influenciam a atividade turística a nível mundial, como também discute as formas de avaliação das riquezas de países, pelo Produto Nacional Bruto (PNB) e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Para só assim, apresentar possíveis soluções para o enfrentamento de momentos difíceis, desse modo, dados de documentos e organizações de turismo são sondados no intuito de encontrar nas agendas de tais organismos e estudiosos, diretrizes a respeito da atividade na atualidade. Esta investigação apontou que em momentos de tensão, o incentivo aos destinos turísticos deve ser estimulado, a fim de auxiliá-los na restauração de seus padrões de prosperidade.

Palavras-chave: turismo, desenvolvimento, crise, socioeconômico e viagem.

ABSTRACT

The study entitled "The development and ability to travel amid the storm" has to focus on a functionalist describe the development of tourism in the current climate of global economic crisis, aggravated by the outbreak of avian influenza A. In this sense, discussed various development concepts to support the research. Subsequently, a study based on socioeconomic factors that influence the tourism activity worldwide, and also discusses ways of evaluating the wealth of countries by Gross National Product (GNP) and the Human Development Index (HDI). or only then, show possible solutions for coping with difficult times, thus, data from documents and organizations of tourism are polled in order to find the agendas of such organizations and scholars, guidelines regarding the activity in the present. This research indicated that in times of tension, development of tourist destinations should be encouraged in

order to assist them in restoring their patterns of prosperity.

Keywords: tourism, development, crisis, socioeconomic and travel.

1 INTRODUÇÃO

O turismo continua a se desenvolver, mesmo com as dificuldades enfrentadas nos últimos anos, como o aumento do preço do petróleo, a diminuição da demanda turística motivada pela crise econômica internacional e as preocupações com o terrorismo, a atividade permanece como um fator social e econômico relevante para o progresso de países.

É neste tempo de desordem e crise que o presente artigo se propõe em analisar o desenvolvimento e a demanda turística enfocando a capacidade para viajar a partir do macro ambiente de atuais intempéries mundiais, desta forma, pretende mostrar como o turismo pode auxiliar a progressão em momentos de crises mundiais. O estudo não pretende alongar-se ao comportamento do consumidor, mas sim, realizar um recorte da temática aprofundando o estudo dos fatores socioeconômicos da demanda turística.

Trata-se de uma abordagem descritiva e funcionalista à aquisição de conhecimento para o reconhecimento de tendências sobre desenvolvimento no turismo. Prioriza-se uma base teórica sólida formada por teóricos contemporâneos, incrementada por dados estatísticos e documentos que fundamentam empiricamente as idéias formadas neste estudo. Haja vista que, observa a evolução das nações como um fenômeno que ultrapassa as fronteiras do crescimento econômico, pois destaca o conhecimento e aproveitamento das potencialidades de um lugar para a dinamização através do turismo em um planejamento participativo e gestão compartilhada (LAGES; BRAGA; MORELLI, 2004).

Em suma, o artigo inicia uma explanação acerca do desenvolvimento voltado aos aspectos socioeconômicos, por meio de autores como Krippendorf (2001), Sachs (1986), Sen (2000) e Singer (1982). Desta forma, discute-se

crescimento econômico, progressão e questiona-se a validade do Produto Interno Bruto (PNB) como forma de se avaliar a riqueza de uma sociedade. No tópico seguinte o turismo é inserido na discussão, onde são apresentados os atributos que influem na capacidade de viajar. Por fim, faz-se uma abordagem de como o turismo deveria ser desenvolvido na intenção de responder a hipótese da demanda pelo o turismo em períodos de tão tempestuosa crise. Nas observações finais, é realizado um apanhado do atual quadro do crescimento do turismo mundial.

Com efeito, à respeito da temporalidade, neste estudo, a autora faz uma relação metafórica em seu título, relacionando tempestade às crises enfrentadas. Com o intuito de evitar ou apaziguar o proceloso, realizou-se uma apreciação dos fatores que influenciam as atividades do setor do lazer, na intenção encontrar possíveis maneiras de progresso em meio à tempestade.

2 INTRODUZINDO CONCEITOS: o desenvolvimento

De acordo com Barbosa (2004) existe uma relativização do turismo na literatura sobre desenvolvimento. Ignora-se o efeito multiplicador da atividade turística para o desenvolvimento que preserva a identidade local, conserva patrimônios naturais e culturais e dinamiza a economia. Neste sentido, o conceito como é discutido neste artigo, transcende as características relacionadas ao crescimento econômico e a modernização tecnológica, pois enfatiza o crescimento econômico como uma consequência.

Antes de demonstrar como o turismo pode contribuir para a sustentação sócio-econômica em tempos de crise, faz-se necessário conhecer o que é desenvolvimento. Assim, partindo-se da análise de alguns autores que tratam deste conceito, a autora introduz brevemente o tema com o intuito de fundamentar o estudo.

Então se pode iniciar a abordagem com Singer (1982) que procedeu seu estudo, dividindo-o entre os que identificam desenvolvimento com crescimento econômico e os que diferenciam desenvolvimento de crescimento.

De acordo com esta perspectiva, quando se pensar em deve-se aliá-lo ao crescimento econômico, pois muitas teorias sobre o tema crêem que desenvolvimento econômico e crescimento econômico sejam sinônimos e que na falta do crescimento haveria o subdesenvolvimento.

No que tange a este dualismo, Singer (Ídem) explica que é na presença dos países industrializados acontece um necessário processo de crescimento e afirmação dos países em processo de desenvolvimento, na reorganização de seus fatores econômicos através de seu mercado interno.

Esta reorientação, para o setor interno de países em desenvolvimento, demonstra que os modelos advindos de outros contextos históricos como a Europa, não contribuem para o desenvolvimento em outras realidades. À vista que, Sachs (1986, p. 32) apesar de valorar a metodologia da teoria do desenvolvimento, enfatiza que cada ocasião requer uma heurística própria, de acordo com a realidade histórica da sociedade.

Fica patente então que o progresso econômico praticado pelos países da Revolução Industrial não atendem às conseqüências no plano cultural. As cidades modernas se caracterizam pela poluição, violência, deterioração dos serviços públicos, desvalorização cultural que são fatores destoantes ao que idealizavam os teóricos do desenvolvimento (FURTADO, 1996).

Por sua vez, Chang (2004) pontifica que os países em desenvolvimento são incentivados pelos países desenvolvidos à adotar “boas políticas” vistas através das políticas macroeconômicas restritivas, a privatização e a desregulamentação, a liberalização do comércio internacional e dos investimentos. Porém tais conselhos inspiram desconfiança, dado que as nações que hoje são desenvolvidas não seguiram este caminho para atingir o alto patamar de progresso, pelo contrário, cumpriram políticas comerciais e industriais de caráter duvidoso, à exemplo da proteção à indústria e a subsídios à exportação. É claro que este tipo de atividades são condenadas pela Organização Mundial do Comércio (OMC).

É importante ter em mente que, a organização da sociedade é uma necessidade vista na ampliação dos conceitos de desenvolvimento, que cada vez

mais colocam a dogmática esfera econômica em segundo plano. Isso demonstra que a própria sociedade está iniciando sua inserção como protagonista da estrutura social junto ao Estado, em um processo que recoloca a idéia de que só é possível haver desenvolvimento através da atuação de indivíduos agentes livres de privações básicas, capazes de encontrar as oportunidades para levarem a vida que almejam (AZEVEDO, 2009).

Tal entendimento, baseado nos estudos de Sen (2000), coloca Estado e sociedade em um mesmo nível de responsabilidade e capacidade para mudar o mundo. O autor incita a cooperação e a solidariedade entre os dois entes para que assim haja a transformação do crescimento econômico em um processo de formação de capital social, onde o indivíduo possua a liberdade de escolher seu crescimento, como sugere o título do seu livro “Desenvolvimento como liberdade”.

Não obstante, a obra de Sen (2000) questiona sobre o quanto a riqueza ajuda as pessoas a conseguirem aquilo que buscam. Esses desejos são na realidade tribulações da natureza humana e limitações do mundo material, dizem respeito à relação entre rendas e realizações, entre mercadorias e capacidades, entre a riqueza econômica e a possibilidade de viver do modo como gostariam.

Sen (2000) presume que através da riqueza poderia se viver por mais tempo e melhor. Contudo, em sua abordagem sobre desenvolvimento assinala que existe um espaço entre a riqueza econômica e um sentido mais amplo sobre a vida. Pois a utilidade da riqueza está nas coisas que ela permite fazer, seria assim a obtenção das liberdades substantivas.

Assinala que uma conceituação sobre desenvolvimento deve subjazer a acumulação de riqueza e o PNB. À vista que os fins e os meios do desenvolvimento necessitam de abordagens que compreendam plenamente o processo de desenvolvimento como a melhoria da vida da população através da expansão das liberdades para que as pessoas sejam seres sociais com vontades e com possibilidade de influir no mundo.

Os estudos de Sen (2000) contribuíram para a criação do Índice do Desenvolvimento Humano (IDH), que é uma medida comparativa que engloba três

dimensões: riqueza, educação, esperança, média de vida. É uma maneira padronizada de avaliação e medida do bem-estar de uma população. O índice foi desenvolvido em 1990 e vem sendo usado desde 1993 pelo Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento no seu relatório anual.

As possibilidades de uma vida longa e saudável e de acesso ao conhecimento estão colocadas no índice no mesmo nível da renda, onde a riqueza sozinha, não é capaz de ampliar as opções da sociedade. O que é determinante é o uso que se faz da riqueza. A lista de nações de acordo com o IDH tornou-se uma referência internacional no debate sobre o desenvolvimento, sendo amplamente utilizado por governos, instituições acadêmicas e de pesquisa (SEN, 2000).

No caso do Produto Nacional Bruto (PNB) refere-se apenas a valores monetários de bens e serviços produzidos nacionalmente, independente do território, esta média é realizada pelo Banco Mundial baseada nas flutuações cambiais. Esta medida é fundamentada no ciclo do crescimento, também conhecido por ciclo sem fim, já que é constituído no entendimento de que mais produção necessita de mais mão-de-obra, mais trabalho proporciona mais receita, que permite mais consumo que precisa de mais produção e assim sucessivamente (KRIPPENDORF, 1996).

Para Krippendorf (1996), um determinante de desenvolvimento como o PNB é falso e mentiroso, pois não considera os altos preços que as gerações futuras terão que suportar. Posto que, os seguidores do PNB pregam o ciclo do crescimento, imbuídos da idéia de que quanto mais elevados forem os custos, melhor será para a sociedade. Assim fica claro que está propagando o consumo exploratório dos ambientes e da sociedade, sem se importar com os efeitos fatais, como a espoliação ambiental, aumento da pobreza e diminuição da longevidade da população, que tais práticas podem ocasionar à sociedade e ao planeta. Este círculo, não difere em muito do “circulo de pobreza” de Sachs (1986), já mencionado.

Os estudos sobre os determinantes do desenvolvimento é de relevância para países como o Brasil, que possui uma parcela da sua população sobrevivendo em condições subumanas. Vale salientar, que os baixos índices de

desenvolvimento estão relacionados a sua área geográfica. Tal fato explica os novos modelos de progresso fundamentados, principalmente em formatos descentralizados de implantação, valorando cada vez mais as forças endógenas da comunidade através da tutela dos autóctones, respeitando-se as vocações e tradições locais (RUDINEI, 2004).

3 A CAPACIDADE DE VIAJAR EM TEMPOS TEMPESTUOSOS

Por se tratar de uma atividade que proporciona estrutura e eleva o padrão de vida da comunidade, promove uma infra-estrutura que fornece instalações de lazer para os residentes e turistas, aufere programas de desenvolvimento integrados com o social, o cultural e econômico do governo e dos turistas, o turismo se firma como um meio de desenvolvimento na comunidade e não da comunidade (HALL, 2004). Fica demonstrado o desenvolvimento em tempos de crise, através de um turismo equivalente à idéia de Murphy (1985), em satisfazer as necessidades dos autóctones para satisfazer as necessidades dos turistas.

Mesmo sendo uma causa de bem-estar, nem todas as pessoas possuem a liberdade de satisfazer o desejo de sair da rotina, pois para isso, devem ser capazes de atender várias condições, principalmente a de poder gastar tempo e dinheiro para realizar as viagens. Mesmo com o aumento no número das horas de lazer no século passado, outros fatores esbarram a capacidade de viajar de muitos turistas, pois apenas o dinheiro e o tempo não são sozinhos atributos para realizar uma viagem, outros condicionantes como segurança e política também influenciam o turismo.

Assim sendo, a instabilidade política é um empecilho expressivo às viagens turísticas, uma vez que as condições de incerteza e insegurança pessoal são escassamente compatíveis com a busca de relaxamento. Declínios bruscos no deslocamento de turistas têm assim acompanhado as convulsões políticas, guerras e terrorismo em diferentes partes do mundo (PEARCE, 2003).

De tempos em tempos, muitos fatores inter-relacionados contribuem para a diminuição da demanda turística. A capacidade de viajar é dirigida por fatores como a crise energética de 1970, recessões econômicas e guerras civis, assim o turismo perdura com vitalidade mesmo nas pressões inflacionárias e monetárias, instabilidade política e limitações do poder de compra (LEE, 1987).

O liame entre política e turismo pode ser visto mais claramente em Regiões da África do Sul. Após o país ter sido relegado ao ostracismo em ocorrência do *apartheid*¹, poucos turistas internacionais visitavam a África do Sul e uma minoria dos residentes viajavam para o exterior. Somente com o final do *apartheid* e a consolidação de um novo governo, o país se tornou um destino para um número considerável de turistas (SWARBROOKE; HORNER, 2002). Atualmente, o país foi escolhido pela Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA) para sediar a Copa Mundial de 2010, evento que contribui para a consolidação do destino turístico internacionalmente, como também, para a entrada de divisas no país.

Os aspectos da capacidade econômica de viajar podem ser divididos em renda e preços. Assim, em uma pesquisa realizada pela Comunidade Européia em 1986, mostrou que as taxas de saídas de férias progridem paralelamente ao crescimento do produto interno bruto. A capacidade para viajar é maior nos países mais ricos da Comunidade, dentre eles podemos citar Alemanha, Dinamarca e França do que nos menos favorecidos como Portugal, Grécia e Irlanda. Aliás, convém lembrar que dos 72,1% dos Alemães que saem de férias, 69,9% viajam para o exterior, já os franceses e ingleses em sua maioria preferem continuar em seu país no período de férias, à vista que dos 59,8% dos franceses que gozam de férias, apenas 16% realizam viagens ao estrangeiro, na Grã-Bretanha dos 60% que tiram férias, 36,8% se deslocam para destinos fora de suas fronteiras (PEARCE, 2003).

¹ Palavra adotada legalmente em 1948 na África do Sul para designar um regime segundo o qual os homens brancos detinham o poder e os povos restantes eram obrigados a viver separados dos brancos, de acordo com regras que os impediam de ser verdadeiros cidadãos. Este regime foi abolido por Frederik de Klerk em 1990 e, finalmente, em 1994 eleições livres foram realizadas.

Segundo Swarbrooke e Horner (2002), a explicação para o número pequeno de saída dos franceses em comparação aos de outros países industrializados, está na qualidade de vida da França, à vista que, possuem um belo país com clima agradável e uma infra-estrutura turística, favoráveis condições geográficas e climáticas, tais fatores são um convite de permanência em sua nação durante as férias.

RABAHY (2003), do Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo, também constata que a atividade turística está relacionada ao nível de renda e complementa com outras características como o grau de escolaridade, expectativa de vida e urbanização. Fica patente a necessidade da inclusão de outros vetores no estudo do progresso do turismo, além dos aspectos relacionados à economia, o autor adverte sobre a interdisciplinaridade na investigação dos fatos relacionados ao setor turístico, por se tratar de um ramo de atividade influenciado de diversas vertentes.

O Brasil não se configura como um potencial emissor, pois de acordo com Rabahy (2003) seu crescimento não supre as necessidades de consumo e emprego da população, tal fato pode se constatar no IDH de 2002 que entre as 179 nações pesquisadas, o nosso país situa-se no 73º lugar, o mais recente índice ² divulgado em 2008, mostra a nação em 70º.

Contudo, a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR, 2009) comemora o crescimento de 132% da receita gerada pelo turismo nos últimos cinco anos.

Neste caso, aplica-se o entendimento de Sinclair (1998), de que os custos decorrentes do negócio do turismo (incluindo a produção e manutenção de infra-estrutura sob a forma adicional de água, estradas, aeroportos, saneamento e energia) é específico para a atividade e não para o bem-estar da população.

No tocante as taxas de inflação dos países industrializados, ou seja, a desvalorização da moeda influi na redução do fluxo turístico mundial. À vista que no

² Índice de Desenvolvimento Humano realizado pelo Programa das Nações Unidas divulgado no site : <<http://www.bcb.gov.br>>. Acesso: 15/06/2009.

período de 1971 à 1985 a queda na taxa anual média de chegada de turistas é explicada pelas sucessivas crises do petróleo intermediadas pela Organização dos países exportadores de petróleo, isto também refletiu-se nas importações e nas divisas dos países desenvolvidos (RABAHY, 2003).

Já no ano de 2008, o turismo mundial alcançou crescimento de apenas 2%, tendo sido influenciado negativamente pela instabilidade econômica e financeira iniciada com a crise imobiliária dos Estados Unidos que alastrou pelo mundo. Em resultado disso, na segunda metade do mesmo ano, o crescimento parou e o número de chegadas internacionais apresentou até uma ligeira retração – uma tendência que, segundo a OMT³, vai continuar em 2009, período onde a OMT estima um declínio ou estagnação de 2% do turismo internacional.

A atual proliferação da influenza A (H1N1), popularmente conhecida por gripe suína, podem causar prejuízos da ordem de US\$ 2 bilhões para o setor turístico entre 2009 e 2010. Segundo Baumgarten, presidente do Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC), o setor do turismo passa atualmente seu período mais difícil, desde o 11 de setembro. À vista que, a previsão já era de decréscimo, devido à crise econômica mundial, de 3,6% na contribuição do setor no PIB mundial, diminuindo de 10,1% em 2008 para 9,4% em 2009. Com o surto da gripe, a situação do turismo mundial piora ao ponto de que se espera uma gradual melhora apenas em dez anos. Neste ambiente de crise Baumgarten aconselha o incentivo do turismo doméstico.⁴

Porém, a Organização Mundial de Saúde (OMS) não restringe viagens e o fechamento de fronteiras, à vista que se baseia em experiências similares, onde ações de proibição de viagens não diminuiram a propagação de vírus.

4 O DESENVOLVIMENTO E A CAPACIDADE DE VIAJAR: Possíveis soluções

³ Organização Mundial do Turismo, <<http://www.unwto.org>>. Acesso: 15/06/2009.

⁴ Entrevista concedida ao <<http://www.bbc.co.uk>> pelo Presidente do Conselho Mundial de Viagens e Turismo (WTTC) em 15 de maio de 2009. Acesso em 22 de julho de 2009.

Apesar da desaceleração econômica, Ibrahim (2009) do WTTC considera que a capacidade de viajar não irá diminuir nos próximos anos. De acordo com ela, três tendências irão moldar a evolução das viagens: o aumento significativo de novas fontes de mercado, o surgimento de uma nova classe de viajantes e o desenvolvimento de mais parcerias.

Sinclair (1998) em sua visão economicista do turismo, sugere que deve-se considerar as vantagens e desvantagens do desenvolvimento do turismo. Geralmente as contribuições positivas que o turismo pode gerar incluem o fortalecimento da moeda que contribui para atenuar a lacuna no financiamento de divisas e importações de bens de capital, o aumento da renda pessoal, mais receitas fiscais e mais oportunidades de emprego. Aumenta também a procura por certos bens e serviços como os meios de transporte, estradas e aeroportos. Além do mais com a presença dos turistas estrangeiros, haverá a necessidade de mão-de-obra mais qualificada à nível internacional, conseqüentemente, ocorrerá a implementação de uma educação especializada no destino, provocando a elevação do capital humano da localidade.

A rigor o objetivo do desenvolvimento é a melhoria do bem-estar da população, por meio de lucros elevados, empregos satisfatórios, estruturas sociais e culturais aperfeiçoadas, moradias aprimoradas etc, assim, fica claro que não se trata apenas de aumentar o produto nacional bruto. Porém, na atual tensão econômica que o mundo vive, as taxas de crescimento e índices estatísticos tornam-se fundamentais na política de turismo (KRIPPENDORF, 1996).

Com efeito, Krippendorf (1996) defende um desenvolvimento harmonioso do turismo através de uma hierarquia de objetivos, na qual os interesses dos turistas e da população local não sejam atropelados pelos propósitos de empreiteiros e empresários. Dado o desrespeito à esta hierarquia, as conseqüências são funestas, destruindo patrimônios culturais, sociais e remessando altas divisas para o exterior.

O progresso deve-se ser pensado com a identificação e a habilidade de gerir seis atributos globais: econômico, social, tecnológico, demográfico e ambiental

para o futuro da oferta e da demanda turística. Apesar de serem fatores que influem na demanda mundial e pelos quais os governos e a indústria locais não possuem poder de mudá-los, eles devem combinar ações nos atributos possíveis de controle e adaptações para os que não se pode controlar. Em um crescimento turbulento e de rápidas mudanças mundiais, a inovação do crescimento local é crucial no negócio do turismo (DWYER et al, 2009).

De acordo com Rodrigues (2002), no caso brasileiro, um país do antigo Terceiro Mundo, é no tempo de grandes turbulências econômicas que o turismo interno deve ser estimulado, pois, cita os Estados Unidos como principal destino dos turistas brasileiros, com os ataques terroristas, a supervalorização do dólar e o déficit comercial brasileiro em 2001, são fatores que devem ser transformados em oportunidade para o desenvolvimento do turismo no país. Haja vista que, o déficit na balança de pagamentos do setor turístico do país é resultado do maior gasto dos brasileiros no exterior em comparação com os visitantes estrangeiros no Brasil.

Nas análises de desenvolvimento, Sachs (1986) enfatiza a valorização do crescimento econômico nas políticas públicas refletido de seus processos históricos. No caso do Brasil, o que se observa é uma fusão ou transposições de modelos de sucesso da Europa ou Estados Unidos. Um exemplo disso foi o primeiro plano para o crescimento do turismo no Brasil baseado no modelo espanhol.

De acordo com Rodrigues (2002) é no período de crise que as políticas públicas deveriam dedicar-se para o turismo interno. No caso brasileiro a geógrafa constata três motivos estratégicos para essa ação: voltar a clientela, que está cancelando as viagens ao exterior devido à insegurança política ou terrorismo, como foi o caso dos Estados Unidos, outro motivo seria uma política massiva em captar turistas estrangeiros, cabe frisar que o Brasil, no quesito segurança, ocupa a posição 130ª dos 133 países pesquisados no índice de competitividade de viagem e turismo (TTCI, 2009), mesmo assim, ainda é melhor do que um destino com terrorismo. A última razão, citada pela autora, atesta que o déficit comercial brasileiro pode ser corrigido pelo aumento do fluxo de turistas internacionais.

Torna-se evidente que o desenvolvimento deve ser pensado no território onde está sendo planejado, englobando os interesses dos diferentes atores que fazem parte do sistema. Ao contrário da usurpação de um modelo histórico de desenvolvimento, já citado neste artigo, que reduz o processo histórico a uma mecânica sociológica, aliás, este segundo Sachs (1986) é uma das limitações do estudo social, os outros tratam da estreita visão sobre o desenvolvimento tomado como crescimento econômico e a falta da interdisciplinaridade.

5 OBSERVAÇÕES FINAIS

O crescimento do turismo em toda a metade do século XX até os dias atuais continua em um ritmo acelerado. A Organização Mundial do Turismo (OMT, 2007) atesta que 195.025 milhões de turistas visitaram outros países. Esse número cresceu para 842 milhões em 2006, mesmo após os ataques terroristas de 11 de setembro e os atentados com bomba em Londres, Espanha e Índia.

Contudo, atualmente, a OMT (2009) considera a crise como global e seus parâmetros são ainda em muitos aspectos desconhecidos, pois a gripe suína emergiu em um quadro que já não estava bem, devido aos impactos da crise econômica.

Parece acertado que a capacidade de viajar na tempestade, i. e. a atividade turística em meio à crise, deve alicerçar-se em um desenvolvimento que vislumbre outros pontos de vista, outras disciplinas além da economia. Essas intempéries de ordem biológica, social ou demográfica demonstram a necessidade da interdisciplinaridade nos métodos de investigação do turismo, enfatizando como diferentes disciplinas repercutem no setor turístico.

Fundamentado em tudo o que foi dito, pode-se dizer que por parte dos investigadores em turismo existe uma tendência em propor o desenvolvimento do turismo baseado na realidade local, considerando os aspectos globais dos quais influem em todo o sistema turístico. Considerando-se outras fontes de dados como o IDH para que seja dada mais atenção a sociedade como cerne fundamental no

processo de tomada de decisões. Ainda mais neste momento, em que o turismo doméstico ganha importância, o turismo com base local, como uma forma de desenvolvimento em meio à crise que pode levar benefícios à comunidade (RODRIGUES, 2002).

A OMT (2009), frente à atual conjuntura econômica, aconselha aos países desenvolverem medidas e estímulos fiscais e pacotes, a fim de mitigar os efeitos da crise sobre o turismo, como financiamentos e redução de impostos para facilitar o turismo e as viagens. Assim, reconhece-se que agora é fundamental remover todos os obstáculos, especialmente no que tange à fiscalização e a regulamentação.

É necessário sublinhar que, apesar da crise, não se pode esquecer a situação em longo prazo de outros fatores, como a diminuição da pobreza, do aumento do desemprego e das alterações climáticas. Neste sentido, as viagens e o turismo, de modo geral, continuam sendo estimuladas, pois, acredita-se que o setor turístico apóia ações em defesa das características sociais, ambientais e culturais do destino, que de outra forma, devido a influência da globalização, poderiam acabar no ostracismo. Assim sendo, estes atributos são os pilares da sociedade, sem eles o homem desperdiça a sua história, a sua capacidade de liberdade, abordada anteriormente em Sen (2000), para a cópia de modelos, como foi visto no início deste artigo, em Sachs (1983).

Portanto, desafiando uma tempestade de raios e trovões, o turismo é incentivado por motivos que vão além da criação do emprego e da renda, mas porque instiga um desenvolvimento de prosperidade humana necessária ao bem-estar do planeta e de todos aqueles que nele habitam.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Francisco Fransualdo. *Desenvolvimento e Turismo*. 2009. Notas de aula.

BARBOSA, Fábila F. O turismo como um fator de desenvolvimento local e/ou regional. *Revista Caminhos de Geografia*. UFU, Uberlândia, v.10, n.14, p.107-114, fev 2005.

CHANG, Ha-Joon. *Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica*. Tradução Luiz Antônio O. de Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

HALL, Colin M. *Planejamento turístico: políticas, processos e relacionamentos*. Tradução Edite Sciulli. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

IBRAIM, Ufi. Travel & Tourism In 2009 - The Rise Of The Value-Oriented Traveler. *Hospitality Net*. 26 de fev 2009. Disponível em: <<http://www.hospitalitynet.org/news/154000320/4040114.html>> Acesso em: 22 de julho 2009.

DWYER, Larry et al. Destinations and enterprise management for a tourism future, *Tourism Management*. v. 30, n. 1, fev 2009, Páginas 63-74

FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

KRIPPENDORF, Jost. *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. 3 ed. São Paulo: Aleph, 2001.

LAGES, Vinícios; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo (Org.). *Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: SEBRAE, 2004.

LEE, G. P. Tourism as a factor in development cooperation. *Tourism Management*, v. 8 n. 1, mar 1987. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br>>. Acesso em: 15 de fevereiro 2005.

MURPHY, P. E. *Tourism: a community approach*. Nova York: Methuen, 1985.

OMT. Tourism and Economic Stimulus. *Organização Mundial do Turismo*, Madri, 01 jul 2009. Disponível em: <http://www.unwto.org/trc/response/en/pdf/UNWTO_TRC_Tourism_Economic_Stimulus_Jul01.pdf>. Acesso em: 22 de julho de 2009.

PEARCE, Douglas. *Geografia do turismo: fluxos e regiões no mercado e viagens*. São Paulo: Aleph, 2003.

RODRIGUES, Adyr Balastrari. Desenvolvimento com base local como bandeira de uma política de emancipação e afirmação. In: SOUZA, M. J de. (Org.) *Políticas públicas e o lugar do turismo*. Brasília: UNB/Departamento de Geografia/Ministério do Meio Ambiente, 2002.

RABAHY, W. Abrahão. *Turismo e desenvolvimento: estudos econômicos e estatísticos no planejamento*. Barueri, SP: Manole, 2003.

RUDINEI, Toneto Jr. *Proposta para a avaliação dos pólos de desenvolvimento integrado*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004.

SACHS, I. *Espaços, tempos e estratégias do desenvolvimento*. Tradução de Luiz Leite de Vasconcelos/Eneida Araújo. São Paulo: Vértice, 1986.

SEN, A. K. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SINGER, P. *Desenvolvimento e crise*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SINCLAIR, M. T. (1998). Tourism and economic development: A survey. *The Journal of Development Studies*, jun 1998, v. 34, n. 5, páginas 1–51.

SWARBROOKE, J.; HORNER, S. *O comportamento do consumidor no turismo*. Tradução: Saulo Krieger, São Paulo: Aleph, 2002.

TTC. *The travel & tourism competitiveness report 2009: managing in a time of turbulence*. Geneva: World economic forum, 2009.

WTTC. *Annual reports, progress and priorities 2004/05*. The World Travel and Tourism Council, Londres, 25 de mar de 2005. Disponível em: <http://www.wttc.org/bin/pdf/original_pdf_file/progresspriorities05-06.pdf>. Acesso em: 23 jul 2009.

WTTC. *Progress and priorities 2008/09*. The World Travel and Tourism Council. Disponível em: <http://www.wttc.org/bin/pdf/original_pdf_file/progress_and_priorities_2008.pdf> Acesso em: 22 de julho de 2009.